Entre o Passado e o Presente: Contribuições para Compreensão da Desinformação na Contemporaneidade a Partir de Uma Perspectiva Historicizante[1]

Diego de Deus [2]

Resumo expandido

O presente trabalho objetiva-se em analisar os diferentes elementos historicizantes que caracterizavam a desinformação do passado em relação aos eventos e desdobramentos contemporâneos do fenômeno, para melhor compreender em que medida é possível atribuir a desinformação e suas especificidades como algo da contemporaneidade. Para tanto, no primeiro momento, busca-se contextualizar o entendimento do fenômeno na Sociedade da Desinformação (Marshall, 2017); depois, discute-se exemplos e utilizações estratégicas da informação e comunicação com o objetivo em desinformar na ao longo da história com alguns exemplos na Itália dos séculos V, VI e XV e Inglaterra dos séculos XVII e XIX, de como as informações falsas circulavam e eram capazes de também influenciar a opinião pública no passado e, por fim, delimita-se caracterizações que possibilitam diferenciar e atribuir a desinformação na contemporaneidade. A expressão Sociedade da Desinformação foi utilizada por Marshall (2017) na tentativa de caracterizar as relações comunicacionais mediadas pelas redes sociais digitais e as consequentes implicações políticas, econômicas e sociais que as informações falsas, retiradas de contexto, entre outras categorias tidas como potencial desinformativo, podem acarretar sob a perspectiva da sociedade contemporânea. A abordagem possui uma característica distópica quando comparada às noções da Sociedade da

[1] Trabalho apresentado no painel temático Jornalismo de dados, ética da informação, fake news e crise dos pontos de vista centrais do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 27 de novembro a 01 de dezembro de 2023.

[2] Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais – diegodeus.bot@gmail.com

Informação de Castells (2000), que tinha uma visada um tanto otimista com relação à democratização da informação como uma importante ferramenta para a promoção da cidadania e participação política em paralelo com o desenvolvimento do conhecimento científico, dos dispositivos tecnológicos e midiáticos digitais que emergiam naquele contexto. Marshall (2017) destaca que a desinformação na contemporaneidade diz respeito a um excesso de informações que vêm de diversos meios e impedem a clara identificação do que é verdadeiro e/ou falso. A poluição de dados existentes hoje colabora negativamente para as disputas de poder entre dúvida e confiança, deslegitimação de instituições democráticas e epistêmicas, além de propiciar um capitalismo baseado na desinformação a partir da circulação em massa de conteúdos (desinformativos e informativos) pelo ecossistema midiático digital (Marshall, 2017). Oliveira (2020) acredita que o fenômeno está calcado em práticas sociais nos quais os "sentidos são disputados para interesses próprios" (Oliveira, 2020, p.16). Ela ainda compreende que, para além de buscar uma definição, faz-se importante compreender as dinâmicas de circulação da desinformação e as disputas de sentido a elas inerentes. Ainda neste sentido, Paes (2022) utiliza como exemplo da lógica desinformativa isenta da intencionalidade de causar dano (Wardle e Derakhshan, 2017), informações fraudulentas com curas milagrosas, por meio de plantas medicinais, ou outros tipos de combinações de homeopatia, sobre a Covid-19. No contexto pandêmico, informações desta natureza eram amplamente compartilhadas pelas redes sociais digitais, não tendo, necessariamente, o objetivo de causar danos ou riscos às demais pessoas, mas, sim, de ajudar e indicar alternativas que poderiam ser "valiosas" no combate à doença. Por outro lado, a concepção da lógica desinformativa não é algo exclusivo da contemporaneidade (Santaella, 2019) e inúmeros exemplos podem ser citados para sustentar esta afirmação. Assim, Malik (2018) busca contextualizações históricas para compreender o fenômeno desinformativo. Para isso, o autor recorre às cafeterias inglesas do século XVII e discorre acerca do pânico que tomou conta dos círculos reais de que estes estabelecimentos, recentemente criados e procurados pelas pessoas para troca de conversas, tivessem se tornado locais para desavenças

políticas entre os cidadãos contra a monarquia. Com isso, em 1672, Carlos II, Rei da Inglaterra à época, emitiu uma proclamação que pedia a contenção de notícias possivelmente falsas contra o governo, pois narrativas com esta serviriam para "alimentar uma inveja e insatisfação universal nas mentes de todos os bons súditos e Sua Majestade" (MALIK, 2018 s/n tradução minha). Além disso, Malik (2018) ainda traz outro exemplo envolvendo a imprensa do século XX. No ano de 1924, dias antes de uma eleição geral na Inglaterra, o tradicional jornal *Daily Mail* publicou uma carta forjada conhecida como Carta de *Zinoviev*, que apresentava uma suposta diretriz de Moscou aos comunistas britânicos para se mobilizarem junto ao Partido Trabalhista. No entanto, os trabalhistas perderam a eleição por uma vitória amplamente vantajosa. No mesmo sentido, Allcott e Gentzkow (2017) recordam da série de reportagens falsas sobre a descoberta de vida na lua, feita pelo jornal norte-americano *New York Sun*, em 1835. A mentira disfarçada de notícia teve grande repercussão no país e levou à criação de várias teorias conspiratórias em anos seguintes (Allcott e Gentzkow, 2017). O historiador norte-americano Robert Darnton, em entrevista cedida à uma rádio francesa em 2017, foi além e afirmou que a desinformação existe ao menos desde o século VI, e exemplifica o comentário com base na história do império romano de Justiniano I. Procópio, conhecido historiador bizantino e escritor de histórias a respeito do império Justiniano, teve um texto secreto publicado e conhecido pela população, intitulado de *Anekdota* que continha várias informações falsas a respeito de Justiniano I e de outros políticos da época que acabou por arruinar a reputação dessas pessoas diante da opinião pública (Victor, 2017). Para o historiador, um exemplo que pode ser relacionado aos moldes da desinformação contemporânea é o do jornalista italiano e aventureiro, Pietro Aretino (1492-1556). Apesar de profissional, o jornalista escrevia curtos poemas e sonetos (espécie de *tweets,* na contemporaneidade) e os colocavam na estátua de uma personagem conhecida por Pasquino – a figura de um guerreiro heleno –, em Roma. Os poemas difamavam diariamente os cardeais que postulavam o posto de Papa. Os discursos eram satíricos, mas não deixavam de distorcer a realidade e causar dano às imagens dessas pessoas (Victor,

2017). As colagens passaram a ser chamadas de “pasquinadas” e tanto os cardeais quanto políticos da época começaram a pagar Aretino para que ele não fizesse mais este tipo de ação. O interesse econômico para a contenção ou a disseminação de informações falsas também pode ser encontrado na Inglaterra de 1770. Na época, pessoas conhecidas por “homem-parágrafo” recolhiam fofocas e boatos e as escreviam em pedacinhos de papel e vendiam o material para impressores ou editores de jornais que as imprimiam como pequenas reportagens difamatórias (Victor, 2017). A ideia de fofoca e/ou boato pode ser considerada a forma primitiva da desinformação ainda em sua escala microssocial (Prando, 2021). José Ângelo Gaiarsa no livro “Tratado Geral da Fofoca” (2015) faz uma análise histórica, sociológica e filosófica de como estes dois fatores colaboram para a disseminação de informações fraudulentas para causar danos a alguém ou desestabilizar a confiança sobre algo (Gaiarsa, 2015). No mesmo sentido, Briggs e Burke (2004) descrevem o boato na perspectiva histórica como uma espécie de serviço postal oral, com uma velocidade de disseminação – de maneira off-line – admirável. Os autores retornam ao século XVIII no interior da França para lembrar do período chamado de “Grande Medo”. Na ocasião, circularam boatos entre os trabalhadores rurais a respeito da vinda de brigadas para massacrá-los e atacar as plantações, às ordens dos ingleses ou da própria aristocracia (Briggs e Burke, 2004) instaurando um cenário de conflito social e de desconfiança, características ainda permanentes da desinformação na contemporaneidade (D’ancona, 2018; Salgado e Mattos, 2021). Por fim, Briggs e Burke (2004) ainda citam a censura como um importante elemento para compreender os efeitos da informação na vida em sociedade. Assim, a prática comum em governos autoritários, o não fornecimento ou a barragem de informações contrárias aos interesses do Estado, pode ser compreendida também como uma espécie de desinformação; ela está calcada não no excesso ou pela desordem informativa (Wardle e Derakhshan, 2017), mas, sim, pela falta de informações. Conclui-se que a desinformação pode ser atribuída à própria vida em sociedade, enquanto campo de relações sociais e trocas de informações, mas no cenário contemporâneo, está calcada em uma lógica de circulação e de efeitos de sentido

impulsionada pelas redes sociais digitais. As diversas especificidades tecnológicas, econômicas, sociais, políticas e culturais da contemporaneidade existentes sobre a desinformação também são importantes fatores que permitem analisar o fenômeno com algo endêmico da sociedade atual. Uma das principais características, ao analisar a desinformação na contemporaneidade, pauta-se, entre outros elementos, nas dinâmicas de circulação, na eficácia de narrativas falaciosas e da instauração da desconfiança/confiança, crença/descrença sobre entidades epistêmicas – que também não estão isentas de interesses e valores, mas cuja desestabilização de suas autoridades também não parece benéfica – capaz de causar efeitos sociais negativos e severos nos dias atuais. O mercado criado pela desinformação também é um importante aspecto desta sociedade: a lógica da desinformação na contemporaneidade também permite analisa-la como um produto resultante das disputas de sentido e de interesses que são impulsionados pela tecnologia algorítmica, como disparos em massa de informações falsas ou distorcidas de forma deliberada e intencional. Sugere-se que, para estudos futuros, discussões e tensionamentos relacionados às teorias conspiratórias podem contribuir sobremaneira para uma perspectiva historicizante mais aprofundada acerca do fenômeno desinformativo, a fim de compreender seus desdobramentos e características no contemporâneo.

Palavras-chave: desinformação; sociedade da desinformação; contemporaneidade; elementos historicizantes.

Referências

ALLCOTT, H., GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. Journal of Economic Perspectives, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. Disponível em: https://web.stanford.edu/~gentzkow/research/fakenews.pdf. Acesso em: 06 jun. 2020.

BRIGGS. A. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet** / Asa Briggs e Peter Burke; tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. – Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Ed., 2004.

CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: A Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

D'ANCONA, M. Pós-verdade [tradução Carlos Szlak]. - 1. ed. - Barueri: Faro Editorial, 2018.

GAIARSA, J.A. **Tratado geral sobre a fofoca** [recurso eletrônico]: uma análise da desconfiança humana / José Angelo Gaiarsa. – 15. Ed. – São Paulo: Ágora, 2015.

MALIK, Kenan. Fake news has a long history. Beware the state being keeper of 'the truth', fev. 2018. Disponível em: https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/feb/11/fake-news-long-history-beware-state-involvement. Acesso em: 20/05/2023.

MATTOS, M. Â.; SALGADO, T. Da informação à desinformação: conceitos e abordagens das teorias da comunicação. **In: ALZAMORA, G; MENDES, C; RIBEIRO, D. M.** (orgs). Sociedade da desinformação e infodemia. Belo Horizonte: FAIFCH Selo PPGCOM UFMG, 2021. Disponível em: https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/wp-content/uploads/2021/10/Sociedade-da-desinformacao-e-infodemia-Selo-PPGCOM-UFMG-1.pdf.

PAES, F. A. O. De. **Desinformação científica no Twitter: fixação de crenças em torno da cloroquina durante a pandemia da covid-19**. 2022. 153 folhas. Dissertação (Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45844. Acesso em: 17 abr. 2023.

PRANDO, R. A. Fake news e política na sociedade brasileira. In: AMARAL, L. F. P., PRANDO, R. A. (coord.) **Fake News: riscos à democracia**. São Paulo: Editora IASP, 2021.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

VICTOR, F. **Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador Robert Darnton**. Folha de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml. Acesso em: 22 mai. 2023.

WARDLE, C., DERAKHSHAN, H. Information Disorder: Toward and interdisciplinary framework for research and policy making**. Council of Europe Report**, set./out. 2017. Disponível em: https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c. Acesso em: 17 mar. 2023.